anuário antropológico

v. 48 • nº 2 • maio-agosto • 2023.2

Abrantes, Carla Susana Alem. Os futuros portugueses: um estudo antropológico sobre a formação de especialistas coloniais para Angola (1950-1960). Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

DOI: https://doi.org/10.4000/aa.11109

Jéssica Evelyn Pereira dos Santos

Universidade Federal Fluminense

ORCID: 0000-0002-8681-267X

jessicasantoshistoria@gmail.com

Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Mestre (2019) e graduada (2017) em História pela Universidade Federal de Alagoas. Desenvolve pesquisa sobre o colonialismo português em Angola, com ênfase nas relações entre conhecimento e império.

O livro *Os futuros portugueses* traz a análise do contexto de formação de especialistas pela Escola Superior Colonial e de seu papel para a elaboração e consolidação de representações das populações africanas sob o colonialismo português. O trabalho é fruto da pesquisa de doutorado da antropóloga Carla Susana Alem Abrantes, defendido em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ / Museu Nacional. Cerca de uma década depois, o núcleo da tese é revisitado e ampliado, consolidando um texto que foi certamente enriquecido com a experiência de Abrantes como docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

A partir do prisma da formação de especialistas coloniais, a autora conduz uma sólida discussão das linhas de força da gestão colonial portuguesa. Concentrando os esforços de sua investigação na Angola da década de 1950, Abrantes convida o leitor a olhar para o contexto de transformações nos discursos e na política colonial voltada às populações locais no cenário do colonialismo tardio, momento atravessado por múltiplas tensões relacionadas à manutenção do império luso, que se manifestaram nas dimensões locais, metropolitanas e internacionais.

No âmbito do ensino, essa conjuntura foi acompanhada de uma reformulação e reorganização na formação dos alunos que potencialmente se tornariam administradores coloniais. Para explorar as dinâmicas desses processos, a autora constrói um caminho de interpretação que direciona o leitor a obter uma visão panorâmica das ideias, práticas e lugares de enunciação que informaram as discussões em torno da gestão de populações autóctones em Angola, guiado pela ótica da formação superior metropolitana. Esse caminho é apresentado por meio de três enfoques, que marcam as seções principais do livro.

Na primeira parte, o leitor é introduzido ao debate da antropologia do colonialismo. Nesse momento, além de localizar seu trabalho na literatura sobre o tema, Abrantes situa seu objeto de pesquisa e sua inscrição no processo histórico. É também nesta altura que o percurso metodológico do trabalho é delineado, assim como são apontados os caminhos, escolhas, conceitos e enfoques que fundamentaram a interpretação. Esse ponto configura-se como um elemento fulcral do texto, que ilumina as bases sob as quais as estratégias discursivas coloniais são examinadas nas seções posteriores.

A segunda seção apresenta ao leitor a arquitetura da formação superior metropolitana, contextualizando seus atores, normativas, práticas de ensino e configurações curriculares. O texto traz uma reconstituição cronológica minuciosa do ambiente da Escola Superior Colonial, explorando sua estrutura, projetos de ensino e reformas, por meio da análise de seus documentos institucionais, como anuários e relatórios. Em paralelo, Abrantes explora a documentação legislativa e administrativa concernente à política colonial, com especial atenção ao texto da *Reforma Administrativa Ultramarina* (1933). O cotejo dessas fontes forneceu à autora um acesso às marcas da administração colonial e suas relações com a estrutura de ensino e as normas da gestão colonial.

Na terceira seção do livro, as *dissertações* de licenciatura tornam-se o fio con-

dutor. Esses textos funcionavam como requisitos de final de curso e eram apresentados como peças fundamentais na demarcação de um caráter especializado na formação dos futuros administradores coloniais. O texto de Abrantes mostra, com precisão, que as *dissertações,* quando compreendidas como "objetos produzidos no interior de um espaço social e percebidas na sua rotina de inscrição" (Abrantes 2022, 179), revelam uma potencialidade analítica de fornecerem uma janela de observação dos discursos que orbitam em torno do reconhecimento de *problemas* e da busca por *soluções* para as colônias portuguesas em África no âmbito da gestão colonial.

A autora traz uma caracterização das oitenta *dissertações* produzidas entre 1950 e 1961, avaliando suas inserções temáticas, geográficas e os segmentos sociais que compreendem. Para uma análise minuciosa, elenca seis textos desse conjunto. Esse é o ponto de maior fôlego do trabalho, onde os argumentos centrais, que refletem o rigor da pesquisa, ganham protagonismo. É a partir dessa análise que Abrantes apresenta a interseção dos discursos em torno das representações do trabalho e da gestão colonial das populações em Angola, localizando "as estratégias discursivas nos contextos de seu uso" (Pels e Salemink 1999, 3), uma direção analítica apontada pelos antropólogos Peter Pels e Oscar Salemink.

No recorte temporal analisado, a autora identifica uma mudança nos modos de nomear as populações, que continuam a ser classificadas pelo trabalho, mas passam a empregar o termo "rurais" no lugar de "indígenas", refletindo uma saída para contornar as consequências dos *abusos* denunciados em nível internacional, que ganharam projeção no cenário posterior à Segunda Guerra Mundial. A linguagem em torno das representações das populações de Angola, no entanto, continuava a expressar o ideal de que o lugar dessas populações na sociedade colonial seria o de "futuros trabalhadores". As propostas de *soluções* para a gestão de Angola conclamavam ações de "melhoria" da saúde, alimentação e moradia das populações, mas partiam de uma leitura que se baseava em duas estratégias de nomeação: uma que representava o trabalhador africano a partir de um "ideal" – como deveria ser – e outra "real" – como era. A autora mostra que ambas são ficções que se manifestam nos textos, mas que ganham potência por reforçar imagens da incapacidade dos africanos, "reafirmando esse padrão como um dos principais motores da ação colonial" (Abrantes 2022, 283).

O livro de Abrantes traz uma contribuição valiosa para o campo multidisciplinar que toma o colonialismo como objeto de investigação. Fundamentado em uma pesquisa sólida, o texto é apresentado ao leitor de maneira contextualizada e coesa. *Os futuros portugueses* mostra-se como uma leitura valiosa aos interessados no tema das representações de populações africanas, assim como para a discussão do lugar das estratégias discursivas, categorias e práticas produtoras da desigualdade inscritas na dimensão da ciência e da administração do Estado colonial.

Além disso, é também um texto ancorado no próprio itinerário da pesquisa que o fundamenta: as fontes direcionam a elaboração da narrativa, apontando as questões exploradas e moldando os argumentos centrais. Assim, configura-se,

para além da abrangência temática, como um trabalho exemplar do ponto de vista metodológico, inclusive pela maneira de apresentar seus percursos ao leitor.

Recebido em 09/12/2022.
Aprovado para publicação em 13/02/2023 pelo editor Alberto Fidalgo Castro (https://orcid.org/0000-00020538-5582).

Referências

Abrantes, Carla Susana Alem. 2012. "'*Problemas' e 'soluções' para a gestão de Angola: Um estudo a partir do ensino superior de administração colonial, 1950-1960"*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Pels, Peter, e Oscar Salemink, orgs. 1999. *Colonial Subjects: Essays in the Practical History of Anthropology*. Michigan: University of Michigan Press.

Anu. Antropol. (Brasília) v. 48, n. 2, pp.188-193. (maio-agosto/2023). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.11109